

Adesão das escolas à educação sexual: uma metodologia de análise

Priscila Carozza Frasson Costa¹, Alberto Villani² e Édina de Fátima da Cruz Queiroz³

¹Departamento de ciências Biológicas, Universidade Estadual do Norte do Paraná/UENP, Brasil. ²Departamento de Física, Universidade de São Paulo/USP, Brasil. ³Departamento de ciências Humanas e da Educação, Universidade Estadual do Norte do Paraná/UENP, Brasil. Emails: priscila@uenp.edu.br, avillani@if.usp.br, edinaqueiroz@yahoo.com.br

Resumo: Esta investigação tem relevância para a área de ensino, pois contribui para a avaliação de escolas de nível básico frente à temática da educação sexual (ES). A questão central baseia-se na construção de um instrumento metodológico de indicadores empíricos de adesão das escolas, a partir de um referencial teórico com conotações subjetivas quanto à aprendizagem. Tal referencial foi adaptado, levando-se em conta elementos que indicassem a aproximação da escola para com a temática da sexualidade. Com o objetivo de perceber o nível de envolvimento das escolas neste sentido e para fazermos a análise dos dados, bem como para construirmos um esquema de avaliação das escolas pesquisadas com relação à temática da sexualidade, partimos do que encontramos ao realizarmos entrevistas e questionários com professores de sete escolas estaduais de um município do norte do Paraná-Brasil. Vinculamos um projeto de extensão atrelado a uma Universidade Estadual e um curso de ciências Biológicas, em que um grupo de licenciandos atuou com atividades formativas nas escolas pesquisadas. Distinguimos dois tipos de avaliação: interna e externa às escolas, a partir da inserção dos diferentes participantes. Utilizamos indicadores empíricos que explicitaram a adesão ou o interesse da escola em resolver os problemas apontados pelos participantes. Criamos categorias a priori de análise, para a compreensão do envolvimento das instituições de ensino com a ES. Assim, propusemos os Patamares de Adesão das escolas, com a indicação dos níveis de adesão ou comprometimento à ES, de acordo com critérios baseados em evidências que serão apresentadas no trabalho. Neste artigo, trazemos o recorte da "escola A", cujos resultados indicaram a aplicação do instrumento metodológico de análise, atribuindo indicações para as categorias que refletiram em médias com os níveis de aproximação aos temas emergentes da sexualidade por nós destacados. Algumas das considerações finais incluem a proposição de um modelo de avaliação envolvendo questões de sexualidade em escolas públicas, o uso de indicadores de adesão e o nível máximo de comprometimento da escola à ES, inferindo também sobre a representação social da instituição frente à temática.

Palavras chave: educação sexual, patamares de adesão à educação sexual, metodologia de análise.

Title: Adhesion of the schools for sexual education: a methodology for analysis.

Abstract: This research is relevant for the teaching area, once it contributes for the evaluation of basic schools regarding the theme of Sexual Education (SE). The main concern is about the development of a methodological tool of empirical indicators of the schools' adherence, from a theoretical framework with subjective connotations for learning. Such framework was adapted, considering elements that indicated the proximity of the school and the sexuality theme. Aiming at perceiving the level of involvement of the schools and to do data analysis, as well as to construct an evaluation scheme of the schools researched in relation to the subject of sexuality, we start from what we find when conducting interviews and questionnaires with teachers of seven state schools in a municipality in the north of Paraná-Brazil. We linked an extension project linked to a State University and a Biological Sciences course, in which a group of graduates worked with training activities in the schools surveyed. We distinguish two types of evaluation: internal and external to schools, from the insertion of the different participants. It was created empirical indicators that made explicit of the schools' adherence or interest of the school in solving the problems pointed out by the participants. It was created categories for analysis beforehand, for us to understand how involved the schools were to SE. In this sense, Levels of Adherence of the schools were proposed, including levels of adherence or interest, according to criteria based on the research evidences. In this article, we present part of "school A" results, whose results indicated the application of the methodological instrument of analysis, assigning indications for the categories that reflected in averages with the levels of approach to the themes emerging from sexuality by us highlighted. Some of the final considerations include the proposition of an evaluation model involving questions of sexuality in public schools, the use of indicators of the adherence and the maximum level of commitment of the school to ES, also inferring on the social representation of the institution in relation to the theme.

Keywords: sexual education, adherence levels to sexual education, methodology for analysis.

Introdução

A sexualidade humana é um assunto que desperta interesse, curiosidade e fascínio. Ninguém é capaz de se desvencilhar das questões que envolvem a sexualidade, porque ela faz parte do ciclo vital, seja para vivência dos prazeres que proporciona, seja para reprodução da espécie, no sentido mais biológico, ou ainda, para compor a história dos indivíduos nas diferentes culturas, imersos nos significados e contextos socialmente construídos.

Conforme escreveu Louro (2000) a sexualidade não se restringe à genitalidade, mas envolve aspectos psicossociais que renovam constantemente a vida, sendo singular em cada indivíduo. Por isso, discutir sexualidade implica em incitar debates na sociedade, envolvendo as identidades, práticas sexuais e diversos tipos de conceitos, demandando atenção especial.

Sabemos que a partir do século XIX, a sexualidade humana tornou-se objeto de estudos de diferentes áreas do saber, e inúmeros conhecimentos foram e vêm sendo produzidos (e reproduzidos) nas instituições, na família,

na escola, modelando-nos e definindo-nos como sujeitos no dia a dia das relações sociais (Camargo e Ribeiro, 2003).

Sendo a escola uma instituição totalmente envolvida com as formas culturais e sociais de viver e constituir identidades sociais e sexuais, o grande desafio é assumir os embates e divergências de opinião implicados nas vivências cotidianas e que têm relação com os princípios pessoais de cada um. Para alguns educadores da rede básica de ensino, promover a discussão e a reflexão sobre o assunto faz-se necessário na rotina da sala de aula e é encarado com atitudes positivas, pois é possível tratar com naturalidade as questões levantadas, tendo em vista a promoção do respeito e da solidariedade (Suplicy et al., 2008).

Para a autora Furlani (2009), a omissão sobre a temática, com a recusa de intervir, usando-se de subterfúgios como “o assunto não era um ponto previsto para a aula de hoje”, ou “não era um tema para ser discutido ali” ou usar o conflito entre dois alunos para caracterizar indisciplina e excluí-los da sala “encerrando” assim o assunto, são episódios já vivenciados nas escolas.

A mesma autora, ainda, aponta que a opção em não discutir as sexualidades e os gêneros pode ser apoiada pela “providencial” inexistência da temática nos currículos escolares (que justificaria sua recusa nas discussões e o conveniente apego aos conteúdos curriculares propostos). Ou ainda poderia estar favorecida pela ausência da temática nos seus cursos de formação (o que se somaria à admitida dificuldade pessoal com o assunto) (Furlani, 2009).

Contudo, as necessidades de saber sobre sexualidade, sexo, gênero e diversidade sexual, expressas pelos alunos de Ensino Fundamental e Médio, pertinentes à fase da adolescência e juventude que se encontram, fazem com que manifestem a vontade de falar sobre o assunto e se as oportunidades de diálogo são tolhidas pelos professores, diretores e equipe pedagógica da escola, tais atos acabam sendo percebidos pelos jovens como forma de intransigência pedagógica ou como reflexo do despreparo docente para trabalhar os temas relacionados.

Autores como Nunes e Silva (2000), Melo (2001) e Figueiró (2006) sustentam que a escola precisa vencer as barreiras que ainda impedem que a temática seja abordada com liberdade para discutir valores, sentimentos e atitudes, sem repressão, controle ou incoerência com o atual momento histórico. Analogamente, o autor Rocha (2009) escreveu que os professores precisam acolher e auxiliar os alunos a refletir e a tomar decisões sobre sua sexualidade, pois todas as questões que envolvem o tema estão relacionadas a si mesmo e aos outros. Sendo assim, não há como pensar em educação sem pensar nas marcas impressas nas pessoas pelo espaço cultural e sem incluir, nos projetos e práticas pedagógicas, as temáticas do corpo, gênero e sexualidade humana.

Também é importante a inserção dos familiares como participantes no processo de formação para a sexualidade, como apoio às ações curriculares da escola. Para educadores como (Da Silva, Da Silva, Mota e de Sousa, 2015; Gonçalves, Faleiro e Malafaia, 2013; Novak, 2013), os pais devem estar cientes de que é imprescindível, mas não exclusiva, a atuação da

escola no processo de Educação Sexual emancipatória dos seus filhos, pois a escola é uma das instituições sociais que tem a função de possibilitar a construção de conhecimentos condizentes com a vida.

Projetos e práticas pedagógicas fazem parte de intervenções, atividades e programas de ES em escolas. Teóricos (Melo, 2001; 2004; Nunes, 1996; Pires, 2003; Poletti, 2010; Raiça e Fernandez, 1985; Ribeiro, 2004; Riechelmann, 1993) têm aderido à proposta da Dimensão Emancipatória da Educação Sexual que vincula a temática ao compromisso político, cunhada primeiramente pela autora Goldberg, no ano de 1988. Esta abordagem não somente leva em conta as múltiplas dimensões das intervenções pedagógicas como também procura situar o educando no contexto amplo de seu meio social presente, propiciando questionamentos filosóficos e ideológicos, com vistas a aproveitar e ampliar o registro de suas competências para se realizar e poder atuar como um ser humano completo e lúcido.

Contudo, como escreveu o autor Ribeiro (2004), por mais que encontremos exemplos adequados e inadequados de propostas que se relacionem à temática, não há regras ou propostas prontas aplicáveis a todas as situações. Compreendendo a dinâmica do processo educativo, cada educador deverá encontrar formas próprias e criativas de expressão, desde que se mantenha suficientemente aberto às questões da vida e da sexualidade.

Este autor comunga das opiniões de autores (Da Silva, 2015; Dos Santos, 2011; Konrath, 2012; Lima e Almeida, 2010; Rodrigues e Wechler, 2014), no sentido de que partindo do planejamento de um programa de Orientação Sexual (OS), primeiramente deve haver aceitação e colaboração de todos agentes educativos que atuam com o grupo que irá participar do programa, assim como antes de haver a implementação do programa em uma escola, devem-se desenvolver debates e discussões com todos os envolvidos: diretores, professores, técnicos, funcionários, com consulta aos pais dos jovens, para promover a integração família-escola.

Complementa a autora Werebe (1998) que a ES informal que se realiza no âmbito da família tem uma importância particular sobre o desenvolvimento da criança e a formação de grande parte de suas ideias sobre a família, sobre o amor e a sexualidade. Porém, nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. E é aí que a escola desempenha um papel importante na ES dos alunos independente das intervenções formais que possa oferecer neste campo. Esta ação se dá a começar pela aceitação ou não da co-educação.

A escola estará cumprindo com seu papel social, quando adere à ES, não sendo omissa à responsabilidade de esclarecer, orientar, informar e formar a sexualidade dos alunos (Lorencini Júnior, 1997), mesmo não tendo programas ou atividades específicas, mas podendo contar com professores que tenham habilidade e compromisso constante no dia a dia escolar para tratar dos temas e problemas relacionados à sexualidade.

Para obtenção de estatísticas ou como forma de auxílio à construção de documentos e materiais que privilegiem a sexualidade, a existência de instrumentos e/ou indicadores avaliativos que qualificam os trabalhos sobre a temática em diversas instâncias, incluindo escolas, já têm sido desenvolvidos por órgãos federais e por pesquisas acadêmicas.

Sendo assim, esta investigação que é produto de um trabalho acadêmico, tem relevância para a área de Ensino, pois contribui para a avaliação de escolas de nível básico frente à temática da ES. A questão central baseia-se na construção de um instrumento metodológico de indicadores empíricos de adesão das escolas, a partir de um referencial teórico com analogias psicanalíticas.

O instrumento metodológico foi organizado para que fosse possível esboçar, a partir dos relatos dos participantes da pesquisa, um esquema heurístico e avaliativo que evidenciasse as relações das escolas básicas com a temática da ES.

Assim, com o objetivo de perceber o nível de comprometimento das escolas para com a temática da sexualidade, criamos categorias a priori de análise, para a compreensão do envolvimento das instituições de ensino com a ES. Neste processo foram utilizados indicadores empíricos que explicitam a adesão ou o interesse da escola em resolver os problemas apontados pelos participantes da pesquisa. Assim, propomos os Patamares de Adesão das escolas, que incluem níveis de adesão ou comprometimento à ES, de acordo com critérios baseados em evidências na pesquisa.

Referencial teórico e investigação prévia

Os indicadores foram criados a partir de inspirações em construções apresentadas em trabalhos de Villani e Barolli (2000a, 2000b), que estruturaram representações heurísticas em relação ao sujeito e sua aprendizagem escolar, denominados de Patamares de Aprendizagem.

Com a estrutura de Patamares de Aprendizagem, entendemos que há estudantes que recusam sistematicamente o conhecimento apresentado, evitando qualquer relação de responsabilidade com a própria aprendizagem; estudantes que atribuem ao professor a responsabilidade por sua própria aprendizagem, estudantes comprometidos com seu próprio processo de aprendizagem, embora manifestem a necessidade de apoio e orientação e, finalmente, estudantes que aprendem de forma praticamente autônoma, quase que independente da sustentação do professor.

Desta forma, quando o conjunto das representações e dos elementos internos atinge uma configuração suficientemente estável, na qual há uma sustentação recíproca, dizemos que um aluno se encontra num determinado Patamar de Aprendizagem, de conotação subjetiva. Neste contexto, aprender envolve a passagem de um patamar a outro.

Ao transpor os Patamares de Aprendizagem e ao adaptá-los para os Patamares de Adesão à Educação Sexual (ES), chegamos à construção de quatro Patamares Fundamentais e três Intermediários. Para o caso das escolas, sob o ponto de vista do que representa em termos de ações efetivas e sistemáticas de prevenção, orientação e apoio, distinguimos as características necessárias para associar aos Patamares Fundamentais e

Intermediários, justificando os níveis de adesão das mesmas à temática da sexualidade.

Assim criamos um Patamar de Adesão denominado de Rejeição à Educação Sexual (RES), em que consideramos o caso das escolas que estão interessadas somente em evitar qualquer conflito com comunidades locais ou religiosas, cujas opiniões tendem a respeitar e até considerar como referência para sua ação pedagógica. Para estas escolas, o tema ES pertencente à esfera privada, às autoridades de saúde ou à família, e deve ser regulado por uma moralidade muito estreita, independentemente das necessidades e curiosidades efetivas dos alunos.

Outro Patamar foi denominado de Adesão Passiva à ES (APES), na qual as escolas percebem a necessidade dos alunos em obterem informações e até a necessidade de uma formação mais consistente em relação ao tema. Porém, esta formação não é de responsabilidade prioritária das escolas. Neste Patamar, elas podem até perceber a situação dramática de muitos dos seus alunos, porém consideram que a ES não pertence ao currículo escolar, tendo como referência máxima a Secretaria de Educação Estadual, da qual esperam toda diretriz e ajuda.

Entre os dois Patamares de Aprendizagem anteriores há um intermediário de transição entre a Rejeição e a Adesão Passiva, que denominamos de Indecisão sobre a ES (IES). Caracterizamos com este Patamar de Adesão as escolas que percebem a situação dramática de muitos dos seus alunos, porém consideram que a ES não pertence ao currículo escolar. Esta tensão permanente gera comportamentos oscilatórios, sendo que às vezes aceitam iniciativas externas que prometem informações importantes para os alunos, mediante palestras, oficinas e outras intervenções pontuais, e às vezes recusam tomadas de posição frente a eventos dramáticos, por não considerá-los da competência da escola.

Continuando a explorar a analogia com os Patamares de Aprendizagem no campo da ES denominamos o Patamar sucessivo de Adesão Ativa à ES (AAES). Para as escolas que se encaixam neste Patamar temos o aceite da responsabilidade da orientação e prevenção, mesmo sem abandonar a estrutura tradicional. Estas escolas promovem a formação de seus professores a fim de facilitar a participação em cursos apropriados, organizam eventos a partir da colaboração com externos, incentivam o diálogo entre os docentes e o tratamento do tema nas disciplinas, preferencialmente pelos docentes de Biologia. Sobretudo, elas estão atentas a enfrentar e resolver os casos de conflito e defendem explicitamente os direitos dos adolescentes e das pessoas.

Entre o Patamar DP e AA tem-se outro Patamar Intermediário, de transição, que denominamos de Adesão Oscilante à ES (AOES). Neste Patamar as escolas oscilam entre ter iniciativas externas e internas programadas (visando envolver todas as disciplinas e promover ações sistemáticas) e deixar esta tarefa para as ocasiões favoráveis ou às situações de evidente mal-estar. Estas oscilações dependem das iniciativas, ou da falta delas, de diretores e docentes, sendo que estas iniciativas não podem contar com o apoio sistemático da escola como um todo, sobretudo por causa da estrutura tradicional.

No caso da ES, o Patamar mais elevado foi denominado de Adesão Criativa à ES (ACES): representa a meta utópica a ser atingida pela escola que se considera autônoma em relação às crenças e aos valores dos vários segmentos da sociedade e persegue com firmeza e criatividade o objetivo de formação dos alunos para a cidadania. Mantém sua posição constante de promoção da ES dentro dos Documentos oficiais, com iniciativas novas que ultrapassam a estrutura tradicional das disciplinas e envolvem projetos interdisciplinares originais.

Analogamente aos casos anteriores, definimos um Patamar Intermediário entre ACES e AAES chamado de Além da Adesão Ativa à ES (AAAES), em que encontramos escolas que mantêm sua posição constante de promoção da ES dentro dos Parâmetros Oficiais adotados, porém conseguindo às vezes, ir além delas e promover iniciativas originais que podem gerar debates intensos. Como exemplos temos a promoção de cursos para os professores e de debate internos à escola.

Contexto e metodologia

Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados pelos pesquisadores, por meio de entrevistas com uma diretora, uma pedagoga e uma professora de ciências ou Biologia em cada uma das sete escolas estaduais pesquisadas em um município do norte do Paraná. As sete escolas representaram significativamente o município, pois se localizam em pontos distintos e oferecem vagas a todos os alunos dos bairros, centro e vilas rurais.

Para as entrevistas utilizamos um roteiro semiestruturado que orientou a sondagem e a maioria foi gravada em áudio. Também propusemos que fosse aplicado um questionário em cada uma das escolas investigadas, para os professores das diversas áreas do conhecimento, exceto das ciências e Biologia, e que se dispusessem a responder, para obter mais informações acerca do que pensavam sobre a temática da sexualidade. Foram distribuídos 25 questionários por escola, porém o número de devolutivas variou em cada instituição escolar.

Procedimento de coleta de dados

Posteriormente foi elaborado um projeto de extensão que vinculava alunos licenciandos da graduação em ciências Biológicas da Universidade Estadual – campus local, para atuar com os alunos das escolas-alvo da pesquisa, com atividades que envolviam metodologias variadas em forma de “Oficinas de Sexualidade”. No projeto das oficinas, trabalhamos com 13 licenciandos denominados de monitores, fazendo o atendimento a grupos de quinze a vinte alunos em cada escola investigada.

No decorrer do processo de inserção nas escolas para apresentar a proposta de desenvolver as oficinas, três meninas da escola “A” que haviam passado pela experiência de gravidez na adolescência foram entrevistadas, por intermédio da professora de ciências. Nas outras escolas não houve este dado porque as mesmas não se dispuseram, ou a direção não julgou ser conveniente ou porque simplesmente não houve oportunidade, por não haver nenhuma menina grávida na ocasião do período da pesquisa.

Tratamento e análise de dados

Assim, para fazermos a análise dos dados e construirmos um esquema de avaliação das escolas pesquisadas com relação à temática da sexualidade, partimos do que encontramos nas entrevistas e questionários dos professores. Suas afirmações serviram para obter o diagnóstico da escola em relação à ES. Denominamos esta avaliação de diagnóstico interno. Para obtermos uma visão externa à escola, chamada de diagnóstico externo, incluímos os licenciandos e os alunos das escolas que participaram das oficinas e no caso da escola "A", as alunas que tiveram episódios de gravidez precoce.

Elaboramos um conjunto de dimensões, subdimensões e categorias, que nos permitiram classificar os relatos e avaliar de forma aproximada o grau de adesão das escolas à ES. As dimensões representam os temas que foram abordados nas entrevistas e nos questionários e nos comentários livres. O conjunto serviu para caracterizar como as escolas veem, enfrentam e se posicionam sobre a ES. Nos casos nos quais existiam desdobramentos de dimensões complexas caracterizadas por mais de um elemento significativo para nosso estudo, foram criadas subdimensões e avaliadas com os mesmos tipos de categorias. Finalmente, as categorias de análise são os instrumentos que permitem classificar as informações obtidas e apontar para as necessidades atendidas em uma escala de investimento ou de comprometimento com o tema, em menor ou maior intensidade.

Neste ponto do artigo, solicitamos especial atenção do leitor para que acompanhe a explicitação da construção do conjunto de dimensões e subdimensões tidas em conta: após a leitura das entrevistas, localizamos temas significativos nelas levantados, como Homossexualidade, Pedofilia e Exploração sexual, Eventos escolares envolvendo sexualidade, Discussões sobre sexualidade, Gravidez de alunas, etc. Analogamente definimos as dimensões do diagnóstico externo a partir do material correspondente. Alguns temas pareciam bastante complexos, assim procuramos dividi-los em dois ou mais subtemas, que deram origem às subdimensões.

Para realizar um diagnóstico comparativo, construímos um conjunto de categorias que permitissem caracterizar o grau de adesão da escola à ES. Para poder sintetizar os resultados, procuramos manter as mesmas categorias em cada subdimensão. A elaboração das categorias e dos correspondentes critérios de análise foi realizada sob a orientação dos Patamares de Adesão já apresentados. Por construção, essas categorias representam indicadores progressivamente positivos de adesão das escolas à ES em cada dimensão ou subdimensão. Assim, a primeira categoria indica Rejeição da ES e a última Adesão Criativa a ES.

No entanto, para flexibilizar nossa análise, limitamos o número de categorias a quatro, em correspondência aos Patamares Fundamentais. Assim, as categorias que correspondem aos Patamares de Adesão da escola, também foram denominadas de *Rejeição à ES (RES)*, *Adesão Passiva à ES (APES)*, *Adesão Ativa à ES (AAES)* e *Adesão Criativa à ES (ACES)*. Porém, a classificação final da escola, que foi elaborada a partir da síntese do diagnóstico total envolvendo todas as dimensões, utilizou também os Patamares Intermediários.

Para caracterizar as quatro categorias convencionamos da seguinte forma:

1. *Rejeição à Educação Sexual (RES)*, em que consideramos o caso das escolas que estão interessadas somente em evitar qualquer conflito com comunidades locais ou religiosas, cujas opiniões tendem a respeitar e até considerar como referência para sua ação pedagógica;

2. *Adesão Passiva à ES (APES)*, na qual as escolas que percebem a necessidade dos alunos em obterem informações e até a necessidade de uma formação mais consistente em relação ao tema. Porém, esta formação não é de responsabilidade prioritária das escola;

3. *Adesão Ativa à ES (AAES)*, para as escolas em que há o aceite da responsabilidade da orientação e prevenção, mesmo sem abandonar a estrutura tradicional. Desenvolve algumas ações e resolvem alguns casos de conflito;

4. *Adesão Criativa à ES (ACES)* representa a meta utópica a ser atingida pela escola que se considera autônoma em relação às crenças e aos valores dos vários segmentos da sociedade e persegue com firmeza e criatividade o objetivo de formação dos alunos para a cidadania.

Na Figura 1, a dimensão que representa uma temática abrangente está representada sob a forma de uma elipse. As subdimensões também estão representadas com elipses e as categorias de análise estão representadas com retângulos:

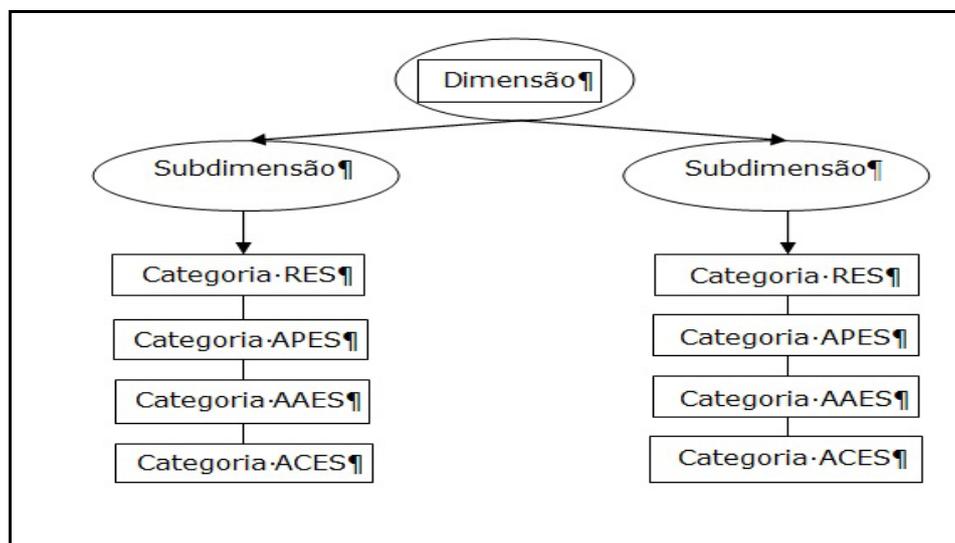


Figura 1.- Representação das dimensões, subdimensões e categorias de análise.

Como primeira parte de nossa avaliação, envolvendo diretoras, pedagogas, professoras de ciências ou Biologia e as respostas dos questionários, consideramos três dimensões como especiais, pois foram pontos fundamentais de destaque: "Gravidez", "Homossexualidade" e "Pedofilia/Exploração Sexual". Outros pontos de destaque, também relevantes para a avaliação das escolas foram: "Promoção de ações de ES", "Promoção de discussões internas entre os professores sobre a temática" e "Promoção de encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas".

Também foram consideradas como dimensões pertinentes: “Eventos escolares envolvendo sexualidade” e “Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos”.

A “Avaliação externa à escola” foi considerada como dimensão, tendo como subdimensões as “Opiniões das grávidas”, as “Opiniões dos licenciandos”, as “Opiniões dos alunos” que participaram das atividades e as “Opiniões subjetivas da pesquisadora”.

Primeiramente selecionamos unidades de análise que são as frases dos pesquisados que se referiam a cada uma das dimensões ou subdimensões. Uma vez selecionadas todas as unidades de análise que não se repetiam, as mesmas foram classificadas de acordo com as respectivas dimensões e subdimensões, em uma das categorias. Para justificar a categorização das unidades de análise relacionadas às subdimensões, foram criados critérios que explicitaram o porquê do enquadramento.

Como delineamento do processo de avaliação houve a validação dos critérios por nós elaborados por um avaliador, para garantir que estariam coerentes e aplicáveis para a classificação das falas dos pesquisados em cada uma das quatro categorias de cada dimensão.

Como mensuração, houve a classificação das falas feita por outro avaliador que após apreender os critérios apontados para cada categoria nas dimensões, conferiu a precisão dos critérios e fez a análise de todas as unidades, cujo objeto era eliminar ambiguidades e contradições. O teste de fidedignidade foi realizado para garantir concordância entre os resultados das análises do pesquisador e do avaliador, obtendo a média geral de 91%.

Como já mencionado, foi feita uma avaliação interna objetiva, com a análise do conteúdo dos investigados da escola (diretora, pedagoga, professora de ciências e professores de outras áreas) e uma avaliação externa pelas impressões e recepção às intervenções (alunas grávidas, licenciandos, alunos e pesquisadora). Para podermos combinar todos os dados, consideramos por simplicidade que a diferença em termos de adesão à ES entre cada categoria e a sucessiva fosse a mesma. A distribuição considerada é arbitrária, pois a diferença entre uma categoria e outra vale 1 ponto. Assim, a categoria RES corresponde a adesão praticamente nula, a categoria APES teria 1 ponto de adesão, a categoria AAES teria 2 pontos e a categoria ACES teria 3 pontos.

Organizamos tabelas compilando as informações das avaliações internas e externas. Para obtermos os resultados da avaliação interna, obtivemos as médias por dimensão para cada sujeito da pesquisa, atribuindo pesos por categoria, levando em consideração o número de indicações recebidas após terem sido realizadas as análises. Consideramos a regra de aproximação matemática para os resultados das médias, conforme aponta o exemplo na Tabela 1.

Solicitamos novamente a atenção do autor para compreender as relações explícitas nas tabelas que ilustram a pontuação que atribuímos aos sujeitos da pesquisa. Assim, indicamos que o Número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T. Nos casos sem número não houve indicação

apropriada à categoria. A média foi calculada dividindo a soma dos **T pela soma dos *NI.

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	3	0	1	0	-	-	1	0
Categoria APES	1	1	-	-	3	3	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,3		0,0		1,0		0,0	

Tabela 1.- Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Na sequência organizamos uma tabela síntese, conforme ilustra o exemplo na Tabela 2:

Dimensão	Avaliação interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,3	0,0	1,0	0,0
Homossexualidade	0,0	-	-	1,3
Pedofilia/Prostituição Infantil	0,6	-	0,3	-
Ações de ES	1,0	1,7	1,7	1,3
Discussão interna com os professores	2,0	-	-	-
Promover conversas com os familiares	2,0	-	3,0	-
Tratamento das situações problemáticas	1,3	-	1,5	-
Valores morais e religiosos	-	-	-	0,5
Média parcial	1,0	0,9	1,5	0,8
Média avaliação interna	1,1			

Tabela 2.- Médias parciais agentes da escola e média da avaliação interna da escola A.

Conforme observamos, a tabela representou as médias parciais por dimensão de cada sujeito da pesquisa e na somatória, a média da avaliação interna.

Para a análise externa à escola obtivemos as médias parciais a partir do número de indicações recebidas por categorias, por termos apenas uma dimensão para todos os sujeitos da pesquisa, conforme ilustra o exemplo na Tabela 3.

Por fim, para obtermos a média final das escolas, atribuímos peso 2 à média da avaliação interna e peso 1 à média da avaliação externa, conforme indicado na Tabela 4.

Categorias	Avaliação externa							
	Alunas grávidas		Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	2	4	1	2	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média parcial	1,5		2,0		1,0		2,0	
Média avaliação externa	1,6							

Tabela 3.- Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Escola	Avaliação interna Média / (Peso 2)	Avaliação externa Média (Peso 1)	Média final
A	1,1/2,2	1,6	1,3

Tabela 4.- Média final da escola A.

Para relacionarmos a média da escola e posicioná-la em um Patamar de Adesão concluindo a avaliação, utilizamos intervalo como está indicado a seguir, para contemplar a regra de aproximação matemática:

0,0-0,2 = Patamar Rejeição à Educação Sexual (RES);

0,3-0,7 = Patamar Intermediário Indecisão sobre a Educação Sexual (IES);

0,8-1,2 = Patamar Adesão Passiva à Educação Sexual (APES);

1,3-1,7 = Patamar Intermediário Adesão Oscilante à Educação Sexual (AOES);

1,8-2,2 = Patamar Adesão Ativa à Educação Sexual (AAES);

2,3-2,7 = Patamar Intermediário Além da Adesão Ativa à Educação Sexual (AAAES);

2,8-3,0 = Patamar Adesão Criativa à Educação Sexual (ACES).

Resultados e discussão

Para este trabalho apresentaremos os resultados obtidos para a escola A, como forma de ilustrar a aplicação da metodologia que criamos para efetuar as análises.

Como início da investigação nesta escola, ao abordar os sujeitos que fizeram parte da etapa avaliação interna, para a dimensão "Gravidez", pudemos perceber que a diretora e a pedagoga atribuíram ao meio sociocultural a maioria dos casos de meninas grávidas, com o julgamento

das famílias e do comportamento das alunas, sobretudo para os casos de abortos clandestinos.

Alguns estudos, como o de Britzman (2001), apontam para questões importantes em como explicar as dificuldades enfrentadas pela escola e pelos professores para lidar com questões referentes à sexualidade e gravidez na adolescência. A autora chama atenção para o obstáculo existente, "tanto nas mentes das professoras, quanto na estrutura da escola, que impedem uma abordagem cuidadosa e ética na educação" (p.86). E identifica que isso se relaciona, em grande parte, à normalização dos significados, na medida em que os sujeitos são culpabilizados pelos "problemas" que os acometem (no caso, a gravidez e vários comportamentos das jovens vistos como errados) em que não são admitidas ambiguidades e contradições.

Entretanto, a diretora e a professora de ciências afirmaram que a escola não deixou de fazer o atendimento sistemático das meninas grávidas quando houve necessidade.

A professora de ciências tem proximidade com as alunas e relatou dois casos de meninas com pouca formação cultural, em que além do fator gravidez, o apoio sistemático da escola fez com que adquirissem maior responsabilidade, maior dedicação aos estudos e até disciplina.

Diante da categorização feita com os dados empíricos para a dimensão "Gravidez", podemos visualizar os resultados da avaliação dos sujeitos da pesquisa com as médias indicadas na Tabela 1, apresentada na Metodologia da Pesquisa.

Para a questão da "Homossexualidade", percebemos que não há discriminação explícita da diretora e pedagoga, mas há preferência em manter a condição atual heteronormativa de desinteresse pelos alunos que manifestam ser homossexuais.

Sobre esta temática a pedagoga e a professora de ciências não manifestaram opiniões.

Dos demais professores que expressaram suas opiniões, percebemos um elevado preconceito e até a revolta com relação a comportamentos observados, classificados por uma professora como "provocação e sem-vergonhice". Já na direção contrária, foi possível perceber tentativas de diminuir o preconceito e favorecer o respeito aos "diferentes".

Na Tabela 5 abaixo é ilustrada a avaliação da escola para a dimensão "Homossexualidade". Relembrando: a categoria RES corresponde a adesão praticamente nula, a categoria APES teria 1 ponto de adesão, a categoria AAES teria 2 pontos e a categoria ACES teria 3 pontos.

Ao que se refere a "Pedofilia/Exploração Sexual", nesta escola houve o relato da existência de uma rede de pedofilia na cidade que envolvia algumas alunas menores de idade que ali estudavam. Porém, este fator foi relevante para a tomada de decisão da diretora em como proceder, encorajando as envolvidas a se afastarem do problema. Seu temor era relativo à sua integridade física e moral e de seus familiares, bem como das alunas, se acaso fizesse denúncias do local dos encontros ou sobre os envolvidos.

A professora de ciências fez tentativas de orientação, voltando-se para a preocupação com o caso da prostituição de algumas de suas alunas, condenando a prática e atribuindo à vulnerabilidade social os episódios descritos. Também concorda com o fato de que são as famílias que devem ser responsáveis pelos atos das adolescentes.

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	4	0	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	2	4
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		-		-		1,3	

Tabela 5.- Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Na Tabela 6, podemos observar o resultado das análises dos sujeitos pesquisados para a dimensão "Pedofilia/Exploração Sexual".

Dimensão Pedofilia/Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	6	0	-	-	2	0	-	-
Categoria APES	5	5	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	0	0	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	0	0	-	-
Média	0,6		-		0,3		-	

Tabela 6. Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O Número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Com relação ao tema "Promover ações de ES", para esta escola a diretora fez menção das palestras que eram comumente realizadas pela escola com equipes da Universidade dos cursos de Enfermagem e Biologia, mostrando ter participação na organização, solicitando ajuda externa e se envolvendo nas ações. Contudo, acredita que é possível fazer orientação, mas que a educação, mesmo no campo da sexualidade, não é papel da escola, rebatendo a cobrança à responsabilidade dos pais.

A pedagoga foi na mesma direção da diretora em promover ações de ES, pois acredita que a responsabilidade seria da saúde e o governo é que deveria gerir sobre ações desta natureza.

A professora de ciências contribui para a formação dos jovens na temática da sexualidade, pois para as atividades internas de sua disciplina, fez relatos das intervenções realizadas, considerando que as inserções têm

que ser contínuas no cotidiano dos alunos, com adequação da linguagem para cada série atendida e com a utilização de recursos didáticos, como cartazes e vídeos nas aulas e no projeto desenvolvido.

Alguns professores de outras disciplinas confirmaram a participação em ações de ES nos momentos em que é possível dentro de suas disciplinas, mas sem planejamento estratégico ou metas a serem alcançadas. A professora de Português disse auxiliar a de ciências com a produção de textos e exposição nos painéis da escola, o que contribuiu para a disseminação dos conhecimentos e interdisciplinaridade.

Para Rosely Sayão (1997), não há dúvida de que a escola desempenha uma função na educação sexual de seus alunos, o que acontece é que nem sempre os professores se dão conta disso em suas ações individuais e/ou coletivas. A autora acredita que são os professores os profissionais que poderão contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, estabelecendo uma relação de confiança com os alunos sem criar cumplicidades. Em nosso caso, a professora de ciências da escola A executou bem seu papel.

Para esta dimensão podemos observar o contido na Tabela 7 com a indicação dos resultados obtidos com as análises.

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	2	2	3	3	3	3
Categoria AAES	1	2	-	-	8	16	1	2
Categoria ACES	-	-	1	3	-	-	-	-
Média	1,0		1,7		1,7		1,3	

Tabela 7.- Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Em “Promover as discussões internas com os professores” acerca da temática, observamos que somente a diretora manifestou propiciar conversas com os docentes, contudo, as orientações foram no sentido de ter cautela para a abordagem, por conta da insegurança proveniente do possível julgamento da comunidade externa.

Sob o aspecto da insegurança da diretora em relação ao fato da família suspeitar que a escola possa induzir o aluno ao sexo, Sayão (1997) acrescenta que a parceria da escola com os pais é fundamental para que os esclarecimentos possam fluir tranquilamente, sem provocar grandes terremotos. Em relação à capacitação, percebemos o apoio e incentivo da diretora aos professores.

Na Tabela 8 são ilustrados os resultados das análises para a dimensão “Promover discussões internas com os professores”.

A diretora desta escola entende que a participação dos familiares e, portanto, “Promover encontros com os familiares sobre a ES” é essencial para a tomada de decisão frente aos problemas mais graves no contexto escolar, que são os casos de pedofilia e prostituição infantil, como já relatamos. Na ocasião dos eventos, a diretora convocou os pais ou familiares para comparecerem à escola. A presença do Conselho Tutelar serviu como resguardo contra inconvenientes e acusações indevidas.

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	1	3	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		-		-		-	

Tabela 8.- Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O Número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Na divulgação das oficinas, pudemos acompanhar a diretora na reunião proposta pela escola, em que compareceram poucas mães. A professora de ciências manifestou o apoio às atividades, já que confirmou a dificuldade dos pais ou familiares em conversar com os adolescentes a respeito de sexo e sexualidade, pelas falas de seus alunos. A Tabela 9 ilustra a categorização dos sujeitos nesta dimensão. O.

A diretora buscava o apoio das famílias no caso de episódios envolvendo alunos da escola. Como tratamento dos “Eventos escolares envolvendo sexualidade”, dependendo da situação, recorreu-se à Patrulha Escolar ou foi conversado diretamente com os atores. Nem sempre as famílias corresponderam às expectativas porque na fala da diretora, são mães com vários parceiros e as crianças lidando com comportamentos inadequados. Para as crianças que veem ou ouvem os adultos em práticas sexuais, os pudores e moralidades “caem por terra”, pois tais atitudes “normais” ficam demarcadas no segmento sociocultural em questão, como argumenta Vitiello (2000).

Para outra situação, a diretora gostaria de encontrar explicações para as manifestações exacerbadas da sexualidade de uma aluna, pensando inclusive em uma disfunção biológica (ordem da natureza) que a levasse a ter uma doença ou até mesmo podendo ser alguma prova da evolução.

Já a professora de ciências lida melhor com a “precocidade” dos alunos, acreditando ser imaturidade, falta de instrução familiar ou reflexo de comportamentos maliciosos, característicos da idade. Os outros professores não se manifestaram. Na Tabela 10 são mostradas as categorizações elaboradas para esta dimensão.

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	0	0	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	0	0	-	-
Categoria AAES	2	4	-	-	0	0	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	2	6	-	-
Média	2,0		-		3,0		-	

Tabela 9.- Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **.

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	0	0	-	-	0	0	-	-
Categoria APES	2	2	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	0	0	-	-	0	0	-	-
Média	1,3		-		1,5		-	

Tabela 10.- Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Na "Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos", percebemos uma opinião de cunho religioso em que ficou marcada a visão fechada sobre o sexo, quando o professor atribui o uso da camisinha ao sexo livre. Acredita também que haveria problemas com as famílias, por causa dos "valores cristãos".

Comparando a situação entre a literatura e postos de saúde, outro professor acredita que deveria ficar a cargo do Estado a distribuição de camisinhas, de modo que cada um assuma sua função (indivíduo e Estado). Para estas opiniões, temos a Tabela 11.

Diante de todas as situações descritas, os resultados da avaliação interna foram apontados na Tabela 2 do tópico Contexto e Metodologia deste trabalho, observando as médias parciais e média da avaliação interna.

Por meio da professora de ciências foi possível conversar com três alunas que haviam tido experiências de gravidez e perceber pelos depoimentos, as situações de vulnerabilidade social e instabilidade das famílias, o que confirma algumas das opiniões expressas pelos professores em seus depoimentos. Contudo, como integrantes da avaliação externa, uma opinião foi de que houve a acolhida da escola durante a gestação e a outra opinião foi de que a escola poderia ter sido mais flexível quanto a autorizar as saídas da aluna para amamentar o filho. Estes resultados estão expressos na Tabela 3 do tópico Contexto e Metodologia.

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	1	1
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	0	0
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	0	0
Média	-		-		-		0,5	

Tabela 11. Média por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A. O Número de indicações para as categorias está relacionado como *NI e o Total de pontos para as categorias está relacionado como **T.

Com relação às opiniões dos licenciandos que desenvolveram as atividades de oficinas nesta escola, sentimos que se surpreenderam com os alunos, pois esperavam que por ser escola de periferia fossem mais liberais nas questões de sexualidade/sexo ou que a indisciplina e a imagem de “escola de favela” seriam empecilhos para se fazer um bom trabalho. Contudo, houve satisfação quanto à participação e interesse dos alunos, assim como o apoio da equipe pedagógica e direção, que acompanhava os monitores em suas necessidades de estrutura física. Na Tabela 3 do tópico Contexto e Metodologia também está representada a categorização obtida com a avaliação dos licenciandos sobre a escola.

Com relação aos alunos desta escola que participaram das oficinas, ao conversarmos no decorrer dos encontros, percebemos em uma opinião, o receio em falar com os professores e chegar aos pais os segredos ou angústias referentes à sexualidade/sexo. Contudo, em outras opiniões, relacionaram haver alguns professores com os quais sentem segurança em conversar, o que confirma a fala daqueles professores que se mostraram disponíveis ao atendimento dos alunos nas questões de sexualidade/sexo. A Tabela 3, já localizada anteriormente, vincula a categorização das opiniões dos alunos sobre a escola.

A respeito das impressões subjetivas descritas pela pesquisadora, também houve a anterior descrição no tópico Contexto e Metodologia, caracterizando a escola na categoria AAES.

Conclusões e implicações na prática educativa

Pela média final obtida com os critérios de análise conforme indicados na Tabela 4, na nossa analogia com os Patamares de Adesão a categorização para esta escola é o Patamar Intermediário, Adesão Oscilante à ES (AOES), com nível intermediário de comprometimento. Este resultado, obtido a partir de um instrumental analítico complexo, nos parece compatível com uma avaliação mais qualitativa da situação da escola A, porque, de fato, ela oscila entre promover atividades internas e externas de forma competente e não mexer em temas que geram incômodo; tem algumas ações com os familiares e foi capaz de mostrar situações de enfrentamento com os casos mais problemáticos de pedofilia e prostituição infantil. Contudo, fica em conflito interno entre seus atores, nem sempre conseguindo enfrentar com firmeza o debate com os segmentos da sociedade. Em determinadas

ocasiões prefere não tomar posição frente a eventos ou temas polêmicos rendendo-se ao comodismo ou à estrutura tradicional e conservadora dos professores.

Além disso, os dados que obtivemos nas escolas revelaram algumas das concepções da cultura do município e do contexto social da sociedade local, com os problemas graves e as posturas inflexíveis observadas pela maioria dos professores, com exceção daqueles que propõem e conduzem ações efetivas de ES. Podemos inferir que as ideias e concepções dos professores são semelhantes, independentemente dos alunos que atendem, ou seja, ao contrário do que afirmam, a realidade dos alunos não muda a percepção das escolas, que acabam tendo a mesma representação social da ES.

Nossa contribuição fundamental foi a proposição de um modelo de avaliação que envolvesse as questões de sexualidade em escolas públicas, com o uso de indicadores de adesão à ES, pautados nas informações obtidas dos sujeitos inseridos no contexto escolar e que contribuíram para fazermos o diagnóstico das escolas.

O diferencial desta pesquisa foi o fato de que, diferentemente da utilização de instrumentos autorrespondidos que configuram a maioria das investigações que conhecemos (Censos Escolares), o instrumento que criamos foi genuíno e originado a partir da inserção da pesquisadora nas escolas alvo. Os elementos obtidos para a análise, que foram transformados em indicadores de adesão, com as dimensões e categorias, bem como os critérios utilizados, fizeram parte de um processo de percepção, que só foi possível porque além das entrevistas, vivenciamos também o contexto das escolas.

A forma como chegamos aos indicadores de adesão das escolas à ES é que caracteriza as implicações desta pesquisa, ou seja, a contribuição do trabalho de construção metodológica, com a adaptação dos indicadores visando os Patamares de Adesão à ES, pois nosso objetivo era perceber o nível máximo de comprometimento com a ES que as escolas investigadas alcançariam.

Estamos avançando em obter mudanças mais significativas no panorama observado nas escolas, envolvendo intervenções externas ao ambiente escolar, sob a forma de convênios entre Universidade e Secretaria de Educação. Estas intervenções servem para que os professores capacitados sustentem mudanças na representação social do fenômeno entre os membros da escola, ou seja, do que entendem por educação para a sexualidade.

Em nível de graduação, é importante destacar que os cursos de licenciatura proponham adequações curriculares, atentando para a inserção de disciplinas e projetos de ensino, pesquisa e extensão que alcancem as temáticas voltadas à sexualidade, de modo a construir um percurso histórico, cultural e sociológico, para que os futuros profissionais da educação se sintam confortáveis em lidar com os desafios do cotidiano escolar.

Por fim, para o contexto pesquisado, almejamos que os promotores das mudanças sejam os diretores e pedagogos, pois poderiam mobilizar ações que envolvam vários professores e a comunidade, e não somente

professores de Biologia de forma isolada em sua sala de aula. Este seria o ideal frente ao diagnóstico de adesão das escolas à ES inspirada na metodologia dos Patamares.

Referências bibliográficas

Britzman, D. P. (2001). Curiosidade, sexualidade e currículo. Em G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 83-111). 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica.

Camargo, A. M. F., e Ribeiro, C. (2003). *Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna. Campinas: Edição da Unicamp.

Da Silva, C. A. (2015). Abordando Sexualidade na escola. *Trabalho de Especialização, Saúde da Família*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Da Silva, E. L., da Silva, S., Mota, R. M. F., e de Sousa, R. D. (2015). Educação Sexual no Ensino de ciências. *Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas*, 14, 1-9. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/download/20432/pdf>.

Dos Santos, R. A. S. (2011). *Educação Sexual na escola: uma atividade necessária*. (Trabalho de Especialização, Coordenadoria de Integração de Política de Educação à Distância). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: EDUEL. Campinas: Mercado de Letras.

Figueiró, M. N. D. (2011). *Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio*. 3ª Edição. Londrina: EDUEL.

Furlani, J. (2009). *Encarar o desafio da educação sexual na escola*. Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba, 37-49.

Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H., e Malafaia, G. (2013). Educação Sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Revista HOLOS*, 29(5), 251-263. Recuperado de <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>.

Konrath, V. L. (2012). *Educação Sexual nas escolas: marcas e concepções culturais*. (Dissertação de Mestrado Profissional, Programa de Pós-Graduação em Ensino de ciências Exatas). Centro Universitário UNIVATES, Rio Grande do Sul.

Lima, E., e de Almeida, G. B. (2010). Educação Sexual e Práticas Pedagógicas. *IV Colóquio de História*, 1-11. Recuperado de <http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wpcontent/uploads/2013/11/4Col-p.723.pdf>.

Lorencini Júnior, A. (1997). *Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação*. Em J. G. Aquino (Org.), *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas* (pp. 87-95). São Paulo: Summus.

Louro, G. L. (2000). *Sexualidade: lições de casa*. Em D. E. E. Meyer (Org.), *Saúde e Sexualidade na escola* (pp. 44-49). Porto Alegre: Mediação.

Melo, S. M. M. de. (2001). *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras* (Tese de Doutorado, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).

Novak, E. (2013). *Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar Educação Sexual nas escolas* (Trabalho de Especialização Ensino de ciências, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil).

Nunes, C. A. (1996). *Filosofia, sexualidade e educação: As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Campinas.

Nunes, C., e Silva, E. (2000). *A educação sexual da criança: Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados.

Pires, R. C. C. de A. (2003). *De um corpo que se finda a um corpo que se faz: um estudo sobre a sexualidade na velhice* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil).

Poletti, E. S. (2010). *Dos jovens filhos de Gaia e Urano aos adolescentes do Google em seus processos de educação sexual* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil).

Raiça, D., e Fernandez, S. A. (1985). *A adolescente e o sexo*. São Paulo: Edicon.

Ribeiro, P. R. M. (Org.). (2004). *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência Editora.

Riechelmann, J. C. (1993). A educação sexual no sistema de saúde. Em Ribeiro, M. (Org.). *Educação sexual: novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Rocha, A. C. R. (2009). *À Descoberta da Educação Sexual: Uma perspectiva crítica a partir do discurso dos principais agentes*. (Dissertação de Mestrado), Universidade do Porto, Porto. Recuperado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54954/2/72891.pdf>.

Rodrigues, C. P., e Wechler, A. M. (2014). A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 1(1), 89-104. Recuperado de: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/.../cadernodeeducacao/.../04042014074026.pdf>.

Sayão, R. (1997). Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. Em J.G. Aquino (Org.), *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4ª Edição (pp. 97-105). São Paulo: Summus.

Suplicy, M., Egypto, A. C., Branco, C. C., Gonçalves, E. V., Menocci, D. T., Castro e Silva, R. de, Sayão, Y., Silva, M. R. da, Bock, S. D. e Silva, M. C. P. da (2008). *Sexo se aprende na escola*. 4ª Edição. São Paulo: Olho d'Água.

Villani, A. e Barolli, E. (2000a). Interpretando a Aprendizagem nas Salas de aula de ciências. *Atas XXIII ANPED, CD-ROM GT, 4, 13*. Recuperado de <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0417t.PDF>.

Villani, A., e Barolli, E. (2000b). Um Esquema Heurístico de Análise e Interpretação da Aprendizagem. *Atas do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física*, Florianópolis.

Vitiello, N. (2000). *Sexualidade. Quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu.

Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, Política, Educação*. Campinas: Autores Associados.